

PARTE III

GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE DAS RELAÇÕES SOCIAIS

III.1 – O BLACK FEMINISM E A EMERGÊNCIA DE UMA AGENDA (DE ESTUDOS E AÇÕES LEGAIS) FUNDADA NA NOÇÃO DE INTERSECCIONALIDADE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E RAÇA

HELENA HIRATA

FLS5174 – GÊNERO E TRABALHO. DESAFIOS NACIONAIS, DEBATES INTERNACIONAIS

PPGS/USP, 09.10.2017 (AULA 10)

ROTEIRO

- I. INTRODUÇÃO
- II. Frances Beal, pioneira na análise da desigualdade salarial
- III. A emergência do *black feminism* segundo o Combahee River Collective (1977)
- IV. A emergência do paradigma interseccional: raça, gênero e classe: Angela Davis (1981), Patricia Hill Collins (1980), bell hooks (1981), Audre Lorde (1980), Kimberlé Crenshaw: agenda de estudos e ações legais (1989, 1991)
- V. Relação entre *Black feminism* e *White feminism* ontem e hoje: divergências teóricas
- VI. CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO I

- Patricia Hill Collins, Audre Lorde, Angela Davis, bell hooks, todas teóricas e militantes negras afirmaram, desde 1980, « *a natureza interseccional da opressão das mulheres negras* » (Hill Collins, 2015). Todas também remetem à experiência histórica da escravidão como ponto de partida fundamental para explicar tanto as teorias quanto as lutas das feministas negras.
- Mas é uma jurista negra, Kimberlé Crenshaw, teórica da interseccionalidade, que utilizou esse conceito de « interseccionalidade » a partir do seu objetivo de melhor formular os termos da ação jurídica para defender as mulheres negras contra a discriminação de raça e de sexo (e de classe).

INTRODUÇÃO II

- O caso da General Motors é um exemplo do interesse de uma perspectiva interseccional. As discriminações de raça e de sexo não eram reconhecidas pela empresa, que dizia recrutar mulheres e negros. O problema é que os negros recrutados pela GM não eram mulheres e as mulheres recrutadas não eram negras (cf. Crenshaw, 2010). A GM dissociava a discriminação de gênero e de raça, discriminação que só se tornava visível pela perspectiva interseccional.
- Kimberlé Crenshaw se interessa sobretudo pelas intersecções entre raça e gênero, trabalhando de maneira periférica ou parcial sobre a dimensão de classe. Mas seus textos fundamentais datam dos anos 1989 e 1991, e vamos nos referir previamente a algumas pioneiras do Blackfeminism.

A CRITICA “BLACKFEMINIST” DE CRENSHAW E A GÊNESE DO CONCEITO DE INTERSECCIONALIDADE : 1989 E 1991

- CRENSHAW, Kimberlé W. (1989), “Demarginalizing the intersection of race and sex; a black feminist critique of discrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. *University of Chicago Legal Forum*, pp. 139-167.
- _____. (1991), “Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color”. *Stanford Law Review*, 43 (6): 1241-1299, julho de 1991; também in: FINEMAN, Martha Albertson & MYKITIUK, Roxanne (orgs.). *The public nature of private violence*. New York, Routledge, pp. 93-118. [Também trad. fr. em *Cahiers du Genre*, n° 39] 2005.

II. FRANCES BEAL (1969): PIONEIRA NA ANÁLISE DA DESIGUALDADE SALARIAL DECORRENTE DO SEXO E DA CLASSE

- No capítulo “A exploração econômica das mulheres negras” o seguinte quadro é apresentado por Frances Beal
- Homens brancos 6704 \$ (100,00 %)
- Homens não brancos 4277 \$ (63,80 %)
- Mulheres brancas 3911 \$ (59,53 %)
- Mulheres não brancas 2861 \$ (42,68%)
- (in “Ser Negra e mulher, um duplo perigo”, 1969, publicado em 1970 por Toni Cade Bambarra, in *The Black Woman. An anthology* (trad. fr. na revista *Comment s’en sortir* #1, 2015)

III. A EMERGÊNCIA DO *BLACK FEMINISM* SEGUNDO O COMBAHEE RIVER COLLECTIVE (1977) I

- No estudo sobre Blackfeminism na França, a importância do trabalho de Elsa Dorlin e Jules Falquet, entre outras.
- Coletivo feminista negro criado em 1974, a declaração “Combahee River Statement” é publicado em 1977. A imbricação entre classe, sexo e raça é afirmada por elas assim como 3 anos depois por Audre Lorde, Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks.

“Estamos ativamente engajadas na luta contra a opressão racista, sexual, heterossexual e de classe e temos como tarefa específica uma análise e uma prática integradas, baseadas no fato de que os principais sistemas de opressão são imbricados (...) combater as opressões múltiplas e simultâneas que enfrenta o conjunto das mulheres de cor” (trad. fr. 2008: p. 59)

III. A EMERGÊNCIA DO *BLACK FEMINISM* SEGUNDO O COMBAHEE RIVER COLLECTIVE (1977) II

- O coletivo é contra o “separatismo lésbico” pois ele “*nega completamente todas as fontes de opressão das mulheres com exceção da sexual, negando por isso mesmo os fatos de classe e de raça*” (trad. fr. 2008: p. 66)
- Gênese do feminismo negro: a formação de um grupo feminista negro em NY em 1973 que se tornou a National Black Feminist Organization (NBFO) próxima dos movimentos de libertação negra, “*com uma política antirracista, diferentemente da das mulheres brancas e anti-sexista, diferentemente da dos homens negros e brancos*”(..) inicialmente nos uniu uma posição combinando o antiracismo e o antixexismo mas à medida do nosso desenvolvimento político, nos atacamos ao heterosexismo e à opressão econômica capitalista” (id. Ibid., p. 61, 62-63)
- Decisão de se automisar do NBFO em 1974 por divergências com a posição feminista-burguesa e falta de perspectivas políticas claras.

III. A EMERGÊNCIA DO *BLACK FEMINISM* SEGUNDO O COMBAHEE RIVER COLLECTIVE (1977) III

- Experiência da simultaneidade das opressões: “Temos dificuldade em separar as opressões de raça, de classe e de sexo, porque frequentemente nas nossas vidas temos a experiência simultânea”
- Solidariedade de raça: “Solidariedade em torno do fato racial, inútil para as mulheres brancas em relação aos homens brancos”. Mas, “a reação dos homens Negros ao feminismo foi notoriamente negativa”
- O marxismo: “Mesmo se fundamentalmente de acordo com a teoria de Marx, quanto às relações econômicas específicas que estudou, sabemos que é necessário continuar sua análise para compreender nossa situação particular como mulheres Negras”
- Temas de luta do coletivo: esterilização abusiva, direito ao aborto, violência doméstica, estupro, a questão da saúde.

IV. A EMERGÊNCIA DO PARADIGMA INTERSECCIONAL: RAÇA, GÊNERO E CLASSE: ANGELA DAVIS, PATRICIA HILL COLLINS, BELL HOOKS, AUDRE LORDE, KIMBERLÉ CRENSHAW I

Angela Davis é mencionada como uma das inspiradoras do movimento Blackfeminism pelo Combahee River Collective. Com seu livro publicado em 1981, *Women race and class*, ela é pioneira da corrente interseccional, termo que ela assume hoje (Cf. Conferência de abertura do Colóquio “le MAGE a 20 ans”).

Patricia Hill Collins: interseccionalidade enquanto conhecimento e ação política. Seu livro *Black Feminist thought* foi publicado em 1980 e a tradução em francês por Diane Lamoureux foi editado no Québec em 2016.

Enquanto conhecimento, adota a epistemologia “do ponto de vista” (situated knowledge) :

“Ponto de vista caracterizado por duas problemáticas estreitamente ligadas. 1) o status econômico e político das mulheres Negras confronta-as a uma série de experiências que as conduz a perceber a realidade material segundo uma perspectiva diferente da de outros grupos (...) 2) essas experiências particulares estimulam uma tomada de consciência feminista Negra específica. Em outros termos, não apenas um grupo subordinado faz a experiência de uma outra realidade, diferente da do grupo dominante, mas ele pode também interpretar de outra maneira essa realidade”

(P. H. Collins, 1989 cit. Por E. Dorlin, Introdução ao Blackfeminism, 2008: p. 24)

IV. A emergência do paradigma interseccional: raça, gênero e classe: Angela Davis, Patricia Hill Collins, bell hooks, Audre Lorde, Kimberlé Crenshaw II

bell hooks é autora de *Ain't I a Woman?: Black Women and Feminism* publicado em 1981 e traduzido em 2015 na França. Como Angela Davis, teve influência decisiva na constituição do Blackfeminism. bell hooks considera que para que uma nova ordem social emergja é necessário contestar e mudar a política de dominação tal como ela se manifesta na opressão imperialista, capitalista, racista e sexista (trad. fr. 2008: p. 115)

Sister Outsider de Audre Lorde é publicado em 1980. O título do artigo escolhido para leitura indica a relação entre a obra de Lorde e a emergência do paradigma interseccional: “Idade, raça, classe social e sexo: as mulheres repensam a noção de diferença”.

Sufrimento e violência: “*A literatura das mulheres Negras transborda de sofrimento, um sofrimento causado pelas violências repetidas exercidas não somente por um patriarcado racista mas também por homens negros*” (trad. fr. 2003: p. 132)

AUDRE LORDE: DIFERENÇAS E OPRESSÕES: *QUESTÕES DOS INFORMES I*

- Ao tomarmos Crenshaw como referência de formulação da interseccionalidade acabamos por ocultar toda essa produção e militância que já vinham sendo feitas décadas antes (Beatriz Sanchez)
- Como pensar o próprio caso de Audre Lorde que é negra, pobre, mulher e lésbica. É possível também pensar multidimensionalmente em casos de intersecções múltiplas? (Iuri Cardoso)
- “Mythical Norm” ou norma mítica, definida a partir da branquitude, da heterossexualidade e do capitalismo (Willians Santos, Juliana Wruck); o “feminismo ampliado” (Lorde, 1984), que não se restringe às opressões de gênero (M. Mazzini)
- Avtar Brah em “*Difference, Diversity, Differentiation*” (1996; 2006 trad. In *Cadernos Pagu*) sugere quatro maneiras de conceituação: diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade (Mariana_F. de_A. Rivera)
- Brasil é um país hostil às identidades de gênero não cisgêneras, sobretudo travestis pobres, negras e prostitutas. A. Arrais converge com Lorde sobre a existência de uma sororidade que não abrange a interseccionalidade. Como construir uma zona comum a todas/os se o lugar que ocupamos não é o mesmo? (J. Wruck)
- Não há uma análise da idade em Lorde, a autora pretende refletir sobre a forma como as mulheres tem ignorado as diferenças que existem entre si, entre elas as diferenças de idade (Cinthia T. Toledo)

AUDRE LORDE: DIFERENÇAS E OPRESSÕES: QUESTÕES DOS INFORMES II

- Relação com a aula anterior sobre sentimento: a raiva seria um sentimento inesperado da mulher, em especial da mulher negra. Sua adoção, portanto, seria, por si só uma maneira de militância. Reflexão a partir de Audre Lorde (Gabriela Bussab).
- A naturalização das opressões, sobretudo em situação de relação hierárquica. Dificuldade de debate sobre raça sendo “branca” com “negras”. Questão da perda necessária dos privilégios que são resultado das diferenças (Lorde) (Paula S. Coelho)
- Expectativa social de que as pessoas oprimidas ensinem aos opressores a corrigir seus erros (Paula Figueiredo: “ler Lorde aos 30 anos”): cf. Lorde: “Não demoliremos nunca a casa do senhor com os instrumentos do senhor” (trad. fr. 2003: p.122)
- Como contribuir para não criar histórias únicas e engessadas, mesmo reconhecendo o peso significativo de certas vivências da dominação? (C. N. Adichie: “perigos de uma história única”) (Paula Figueiredo)
- Lorde recupera, inclusive, Paulo Freire para lembrar que mesmo dentro dos oprimidos essa lógica (opressora) está presente (Fernanda Haag)(cf. Lorde, trad. Fr. 2003: p. 135). O que dizer de uma escritora americana que cita Paulo Freire? (Patricia Maeda). Interessante para pensar a história das ideias e influências intelectuais (HH)
- Relações entre empoderamento, sororidade e interseccionalidade (Henrique Costa). Não é possível falar em *sisterhood* quando as próprias mulheres negras ignoram ou não querem reconhecer a existência e o trabalho de mulheres negras lésbicas (Julia Neiva)

Kimberlé Crenshaw: agenda de estudos e ações legais (1989, 1991) I

- **Interseccionalidade estrutural e interseccionalidade política**
- **Protocolo** a ser seguido para identificar casos de discriminação interseccional (2002)

Quando mulheres eram detidas, torturadas ou lhes eram negados outros direitos civis e políticos, de forma semelhante como acontecia com os homens, tais abusos eram obviamente percebidos como violações do direitos humanos. Porém, quando mulheres, sob custódia, eram estupradas, espancadas no âmbito doméstico ou quando alguma tradição lhes negava acesso à tomada de decisões, suas diferenças em relação aos homens tornavam tais abusos periféricos. em se tratando das garantias básicas dos direitos humanos (trad. br. 2002: p. 173)

KIMBERLÉ CRENSHAW: AGENDA DE ESTUDOS E AÇÕES LEGAIS (1989, 1991) II

- *Assim como é verdadeiro o fato de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de gênero, também é verdade que outros fatores relacionados a suas identidades sociais, tais como classe, casta, raça, cor, etnia, religião, origem nacional e orientação sexual, são diferenças que fazem diferença. na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação (trad. br. 2002: p.174)*
- Utilizando uma metáfora de intersecção, faremos inicialmente uma analogia em que os vários eixos de poder, isto é, raça, etnia, gênero e classe constituem as avenidas que estruturam os terrenos sociais, econômicos e políticos. É através delas que as dinâmicas do desempoderamento se movem. Essas vias são por vezes definidas como eixos de poder distintos e mutuamente excludentes; o racismo, por exemplo, é distinto do patriarcalismo, que por sua vez é diferente da opressão de classe. Na verdade, tais sistemas, frequentemente, se sobrepõem e se cruzam, criando intersecções complexas nas quais dois, três ou quatro eixos se entrecruzam. As mulheres racializadas frequentemente estão posicionadas em um espaço onde o racismo ou a xenofobia, a classe e o gênero se encontram. (id.ibid.)

INTERSECCIONALIDADE SEGUNDO CRENSHAW: QUESTÕES DOS INFORMES I

- Na mesma linha da análise de Crenshaw do caso da GM, pode-se pensar, por exemplo, « *em referencia aos cursos da USP, na exclusão total de mulheres negras em alguns cursos numa série histórica, mas se pensar somente em questão de gênero elas podem estar presentes e se pensar em virtude de gênero, mas isso não é percebido como um problema de gênero porque não faz parte da experiência das mulheres somente em questão de raça os negros podem estar presentes* » (Iuri Cardoso).
- Inquietação pela incapacidade que temos, segundo Crenshaw, de apreender as opressões interseccionadas (Gabriela Bussab); invisibilidade da interseccionalidade; o feminismo não pode ser o discurso de mulheres brancas em prol de uma falsa sororidade, não pode ser um feminismo acadêmico e de difícil acesso (Ana Bastos); problema da superinclusão (injustiça relativas a um subgrupo de mulheres é tratado como um problema de mulheres em geral) e da subinclusão (um problema afeta um subconjunto de mulheres, em parte mulheres de grupos dominantes) como questões de invisibilidade interseccional (Cecilia Barreto). Também Nayara B. do Nascimento sobre superinclusão e subinclusão.

INTERSECCIONALIDADE SEGUNDO CRENSHAW: *QUESTÕES DOS INFORMES II*

- O termo interseccionalidade é muito mais do que um conceito de análise da realidade: trata-se de um conceito político (Bianca Briguglio). Interseccionalidade como modelo de participação política na luta por direitos de gênero com foco na raça; a desigualdade tem uma base material (Willians Santos) O “sujeito de direito”, pedra angular da organização jurídica no capitalismo, é o mesmo “sujeito universal”, pedra angular da cultura ocidental (Taina Gois).
- Também a prática dos direitos humanos é questionada porque este grupo de mulheres não frui de direitos fundamentais (...) inclusive o acesso à justiça e a remédios é distinta e ainda mais marginal a mulheres não brancas (Julia Neiva)
- E, não pensar de modo interseccional faz com que as discriminações que elas sofrem não sejam reconhecidas de modo algum, porquê são mulheres e negras, do mesmo modo que faz com que as políticas construídas para mulheres ou pessoas de cor, não as alcancem de modo significativo.
- A interseccionalidade mostra como uma população, nas diversas estruturas e espaços sociais, permanece sempre na base, para ser a oprimida ou explorada, e como as demais pessoas, inclusive mulheres brancas ou homens negros, podem também ser os que vão oprimi-las e explorá-las (Geni Ap. Marques).

EXPERIÊNCIAS BRASILEIRAS PARA PENSAR A INTERSECCIONALIDADE. QUESTÕES DOS INFORMES III

- 1) Relações de raça/classe/gênero como relações de poder. **A marcha das vadias** (homem morador de rua, pobre, deficiente, machista; mulheres feministas brancas, universitárias): *“a imagem captada pelas diferentes retinas que observam a cena é dimensionada pela identificação com as opressões vividas. Em outras palavras, a capacidade de ter empatia (Collins, 2015) com cada uma das dimensões que se interseccionam e que conflitam provém do lugar de fala, e não da capacidade de enxergar o outro. (M. Mazzini)*
- **2) Coletivo Transfeminismo.** : Existência e resistência do T no movimento LGBT. O movimento LGBT já é um movimento de minoria, entretanto, dentro desse grupo existem, ainda, subgrupos como o das pessoas transexuais que são marginalizados (...) diminuir essas distâncias e diferenças por intermédio da construção de pontes simbólicas como sugerido por Kimberlé através do termo *bridging the gap*. (Amanda Arrais)
- 3) Estudar a intersecção de identidades, focando nas **identidades LGBTs**. Ou seja, outras identidades que (inter)cruzam as LGBTs, o “cruzamento de identidades” (Iuri Cardoso)
- Como fazer parte de um movimento tão maravilhoso quanto o feminismo negro, sendo uma, digamos, amarela esbranquecida? Como aderir sem tirar a voz e o espaço tão duramente conquistados pelas mulheres negras? (Patricia Maeda)

V. RELAÇÃO ENTRE *BLACK FEMINISM* E *WHITE FEMINISM* ONTEM E HOJE: DIVERGÊNCIAS TEÓRICAS

- Ontem: Combahee River Statement (1977): O racismo no movimento das mulheres brancas, “pouco esforço feito por elas para compreender e combater o seu próprio racismo” (trad. fr. 2008: p. 72)
- Ontem: Frances Beal (1969): “O movimento de libertação das mulheres brancas esta longe de ser monolítica. Mas uma organização branca que não adota uma ideologia anti-imperialista e antirracista nada tem em comum com a luta pela libertação das mulheres negras (...) O movimento de libertação das mulheres brancas é globalmente um movimento de classe média. Muito poucas mulheres desse movimento sofrem da exploração econômica extrema à qual estão expostas as mulheres negras a cada dia”(trad. fr. 2015, p. 50-51)
- Hoje: exemplos de Amandine Grey, Félix Boggio Éwangé-Épée et Stella Magliani-Belkacem.

CRITICA AS FEMINISTAS BRANCAS: AMANDINE GREY (PREFÁCIO BELL HOOKS)

- « Como explicar que o conceito de « consubstancialidade » - de uma proximidade espantosa com o conceito de interseccionalidade – desenvolvido por Danièle Kergoat seja principalmente plebiscitado por pesquisadoras/es brancas/os? Como não se indagar sobre as verdadeiras motivações dessas universitárias brancas/os que utilizam o **materialismo (a primazia das relações de classe)** para desacreditar a pertinência da raça na interseccionalidade? » (2015, p. 23-24)

JOSETTE TRAT CRITICA *LES FÉMINISTES BLANCHES ET L'EMPIRE*, DE FÉLIX BOGGIO ÉWANGÉ-ÉPÉE ET STELLA MAGLIANI-BELKACEM (2012)

- “Como podemos ver, a grade de leitura preestabelecida que os dois autores escolheram para tentar opor as feministas “brancas” às feministas “não-brancas” não permite levar em consideração as divergências que dividem a esquerda radical há 10 anos. E totalmente falso afirmar como fazem os autores que a maioria das feministas “brancas” teria sempre sacrificado (desde a primeira vaga feminista do fim do século XIX) a luta anti-imperialista e antirracista em proveito de uma concepção “ocidental” do feminismo, fundada sobre “privilégios” obtidos pelas mulheres “brancas” graças à sua cumplicidade com a política colonial e imperialista do Ocidente (...) Esse livro é, pelo contrario, um convite puro e simples a sacrificar a luta feminista em nome da luta anti-imperialista”

BLACKFEMINISM : QUESTÕES DOS INFORMES IV

- É interessante notar que tanto Lorde quanto Crenshaw partem de sua própria experiência enquanto mulheres negras para formularem suas teorias, o que está em consonância com aquilo que defendem as epistemologias feministas: produzir um conhecimento que esteja mais próximo da objetividade é reconhecer o seu próprio lugar de fala e suas implicações teóricas e políticas. (Beatriz Sanchez)
- O feminismo não contemplou as negras e o movimento negro não contemplou as mulheres negras. A interseccionalidade pode se pensar como uma dupla exclusão (...) invisibilidade, já que o mesmo grupo foi excluído de dois lados dos movimentos sociais (Iuri Cardoso). Ao debruçar-se numa análise de interseccionalidade deve-se levar em conta uma dupla exclusão, uma “interseccionalidade da invisibilidade”, já que o mesmo grupo foi excluído de dois lados dos movimentos sociais (tanto por ser mulher como por ser negra) (Juliana Kiyomura). Agora de fato é uma reivindicação do feminismo negro na forma do “lugar de fala” para que não ocorra mais silenciamento das mulheres negras no interior dos movimentos amplos? (Ticiane Natale)
- Duas lições do Blackfeminism: 1) Mulher não é um conceito universal. A classe trabalhadora não é homogênea e precisamos, portanto, compreendê-la a partir de suas especificidades, mas mais ainda, a partir de suas interseccionalidades 2) o marxismo deve ser estendido a questões econômicas específicas vividas pelas mulheres negras. Esse salto de compreensão dado dentro do feminismo traz impactos importantes para o marxismo (Tassia Almeida) (também Willians Santos sobre a questão da mulher branca como universal)

CONCLUSÃO

- A partir da afirmação da interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe, o Black feminism criticou o feminismo branco, originário das classes médias e heteronormativo. E a partir dessa herança do Black feminism que a problemática da interseccionalidade foi desenvolvida nos países anglo saxões desde o início dos anos 1990 por pesquisadoras britânicas, americanas, canadenses, alemãs e, a partir de 2005, por pesquisadoras/es francesas/es.

ALGUMAS QUESTÕES ABERTAS PARA A PRÓXIMA AULA:

- Por fim, uma questão que continua em aberto é a seguinte: quais são os marcadores sociais da diferença que devem ser levados em consideração em uma abordagem interseccional? Apenas gênero, raça e classe ou outros marcadores como idade e deficiência, por exemplo? Quais critérios devemos utilizar para definir quais são os eixos de opressão a serem incluídos no conceito de interseccionalidade? (Beatriz Sanchez)
- Segundo Hill Collins, ainda que uma ou outra categoria possam ter primazia sobre as outras em um determinado tempo e lugar, em uma situação específica, raça, gênero e classe são categorias de análise que estruturam todas as relações (Bianca Briguglio)
- Interseccionalidade vs consubstancialidade (Paula Figueiredo). Há diferenças entre as teorias da consubstancialidade e da interseccionalidade? (Patricia Maeda)
- Ambas estudiosas (Audre Lorde, Kimberlé Crenshaw) são norte-americanas, o que nos remete à questão dos estudos de interseccionalidade na América Latina e, principalmente no Brasil. Quanto teríamos evoluído com relação a esta discussão? (Simone Miranda)